



ATUAÇÃO EM ESTÁGIO DE PSICOLOGIA CLÍNICA SOB A ÓTICA DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

Caio NABÃO– Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz
David PELIN– Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz
Régis MALISZEWSKI– Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz

RESUMO: A abordagem humanista vem de um movimento ocorrido nos Estados Unidos e na Europa, na década de 1950, buscando como seu objeto de estudos os fatores afetivos e emocionais. Uma nova visão de ser humano estava sendo proposta, o homem como ser criativo, empoderado de uma tendência auto-atualizante que o qualifica a tomar decisões, escolher e assumir valores, tendo como base as relações afetivas, catalisadoras no amadurecimento. Portanto este trabalho trata-se de um embasamento teórico que vem sendo aplicado, junto ao futuro relato de experiência vivenciado no estágio clínico supervisionado em Psicologia Clínica sob a ótica da Abordagem Centrada na Pessoa de Carl Rogers, realizados na clínica-escola FAG. O qual tem por objetivo apresentar as teorias diante da prática clínica em atendimento infantil, e adulto com pacientes da Reabilitação na Clínica. Esta prática clínica constrói-se em um enquadre diferenciado que prioriza a escuta empática, a aceitação positiva incondicional e a congruência como atitudes facilitadoras e terapêutica, a atuação afinada de um estagiário em formação e em um futuro próximo enquanto profissional, entendendo como necessidade de ter uma relação empática pautada no respeito e no cliente em questão.

PALAVRAS-CHAVE: Abordagem Centrada Na Pessoa, Psicologia Clínica, Estágio em Psicologia Clínica, Ludoterapia.

INTRODUÇÃO:

A Psicologia Clínica é uma área de atuação da Psicologia na qual existe uma relação direta entre psicoterapeuta/cliente, profissional/pessoa ou ainda psicologia/sociedade. A Psicologia Clínica, portanto, é uma prática psicológica de

1 Caio Nabão do curso de graduação em Psicologia, Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. 9º período.
E-mail: caionabao13@gmail.com.

2 David Pelin do curso de graduação em Psicologia, Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. 9º período.
E-mail: davidpelin@gmail.com.

3 Régis Maliszewski Mestre em Psicologia, Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. E-mail:
regispsico@yahoo.com.br.



tratamento direto com a mente humana reconhecida como especialidade da Psicologia conforme Resolução CFP nº 013/2007.

O psicólogo clínico atua de forma a tentar garantir a saúde e sanidade mental, tratando diversos aspectos e problemas da mente humana, referente a transtornos mentais e aspectos psíquicos de doenças não mentais, analisando diferentes problemas desse segmento em relação a reabilitação e à psicoterapia da mente. Garantindo, portanto, a sanidade e a saúde mental, a psicologia clínica é uma parte delicada da psicologia, que trabalha temáticas variadas dentro do estudo de casos mais específicos.

A Clínica Escola do curso de Psicologia FAG prepara de forma prática o profissional para atuar em diferentes campos na área da saúde, da assistência, nas relações de trabalho, bem como para os desafios das transformações contemporâneas. As atividades práticas e de estágio são realizadas no Centro Integrado de Práticas Psicológicas (CIPP), o mesmo é formado por diversos Núcleos de práticas em psicologia.

Tem se como finalidade atender à necessidade da formação dos acadêmicos, aplicando na prática as técnicas psicológicas, possibilita atendimento à população que vem decorrente a demanda do Sistema Único de Saúde (SUS).

É na prática, durante o estágio, que o aluno depara-se com o real da profissão. Sendo a primeira oportunidade do aluno correlacionar os conhecimentos teóricos obtidos ao longo da formação com à prática. A experiência também enseja um momento de reflexão, onde o aluno poderá compreender que, para uma boa atuação, é imprescindível uma sólida base teórica aliada com o trabalho pessoal de seus próprios conteúdos emocionais.

O presente artigo tem por objetivo explanar as teorias utilizadas como base para os atendimentos realizados por estagiários na Clínica Escola do Centro Universitário Assis Gurgacz, durante o primeiro semestre de 2019, sendo realizado o atendimento uma vez por semana, com até dois clientes ao dia. Sendo estes atendimentos praticados através da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP).



ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

A Terapia Centrada no Cliente desenvolveu-se no início da década de 40 e foi fundamentada por Carl Rogers, ela surge com a ideia de explicitar o que de mais moderno havia na época quando o assunto era psicoterapia, depois de seu trabalho clínico durante 12 anos no “Rochester Society for the Prevention of Cruelty to Children” e juntamente com as pesquisas que foram realizadas em 1940 na Universidade de Ohio, Rogers apontou algumas características observadas por ele e que estavam ganhando força entre os jovens psicoterapeutas da época (TAMBARA e FREIRE, 1999).

Uma das características definidas por Rogers é a relação não-diretiva entre terapeuta e cliente, ele diz que quando se não interfere no processo espontâneo do cliente e assim dando-lhe total liberdade para seguir seus próprios rumos e andar na direção em que ele mesmo escolheu, ocorre uma liberação das forças de crescimento do cliente. A medida em que essa liberdade concedida pelo terapeuta aumenta, sem dar diretivas, guias ou sugestões, maior será a intensidade que o cliente trará para o processo terapêutico suas questões existências mais relevantes (TAMBARA e FREIRE, 1999).

Portanto, a proposta de "não dar diretivas" diz respeito a não aconselhar, dar instruções ou fazer interpretações. Porém a neutralidade do terapeuta está ligada a ausência de orientação, sendo praticamente impossível em qualquer relação humana. Para tanto, Rogers dizia que a significação não implicava em ausência de atividade, mas ausência de atividade onde o terapeuta intervém, pois segundo ele a psicoterapia é uma experiência de crescimento e desenvolvimento para o cliente, pois é através dela que o indivíduo aprende a se compreender, a tomar decisões de forma independente e significativa, a estabelecer bons relacionamentos interpessoais, etc. Portanto, este tipo de terapia não prepara o sujeito para a mudança ele mesmo é a mudança (MIRANDA e FREIRE, 2012).



Outro fundamento da Terapia Centrada no Cliente é a aceitação no processo terapêutico, Rogers observou que para uma relação terapêutica ser bem-sucedida ela deve ser totalmente diferente das outras relações que o cliente possui em sociedade, é preciso oferecer a ele a possibilidade de se expressar livremente e todas as questões trazidas em terapia devem ser aceitas pelo terapeuta, sem qualquer espécie de julgamento ou crítica (TAMBARA e FREIRE, 1999)

Em “*Counseling and Psychotherapy*” Rogers afirma a necessidade de se ter uma atitude amigável e receptiva e que a partir do momento em que se adota tais posturas, o cliente passa a ser estimulado a expressar seus sentimentos de maneira livre, o colocando em um momento que é só seu, e o deixando em liberdade para trazer exatamente aquilo que ele quiser e precisar. Quando se coloca em prática a aceitação como essência no processo terapêutico, o cliente consegue ser ele mesmo e dessa maneira consegue aceitar seus sentimentos negativos como uma parte de si (TAMBARA e FREIRE, 1999).

Muitos terapeutas cometem um erro bem frequente, que são as atitudes tutelares, nela o terapeuta oferece os seus próprios recursos acreditando que, dessa forma, está ajudando-o, ou seja, o terapeuta não confia na capacidade de mudança do seu cliente e tenta ajudá-lo dando-lhe explicações e esclarecimentos de uma determinada situação, desta forma tentará consolá-lo, encorajá-lo, apoiá-lo e estimulá-lo. Com isso, o terapeuta está agindo de forma tutelar e ao invés de estar auxiliando na liberação dos recursos internos do seu cliente, ele está impedindo ou dificultando essa liberação. Ao invés de oferecer respostas, soluções, um ombro amigo para se apoiar e consolo, o terapeuta oferece a sua confiança incondicional na capacidade do cliente de crescer com autonomia (TAMBARA e FREIRE, 1999).

Para Rogers (1987) a Terapia Centrada no Cliente é uma abordagem norteada por uma confiança em todos os seres vivos e que eles têm uma certa tendência natural a um desenvolvimento mais completo e mais complexo. Esta tendência se faz presente no indivíduo a todo momento, ela pode ser frustrada, mas não será destruída sem que se destrua o organismo.



Para Rogers (1977) existem seis condições básicas para que ocorra o processo terapêutico, são elas: que duas pessoas estejam em contato psicológico; a primeira (cliente) esteja em incongruência; a segunda (terapeuta) esteja em congruência, em acordo interno, quer dizer que seja autêntico na relação; que o terapeuta experiente sentimentos de experiência positiva incondicional pelo cliente; compreensão empática; e que o cliente perceba mesmo que seja numa proporção mínima a compreensão positiva incondicional e a compreensão empática por parte do terapeuta.

Para Rogers e Kinget (1977), existe no homem uma tendência atualizante, que o concebe como naturalmente livre e bom, sendo essencialmente dotado de uma capacidade para desenvolver-se positivamente. Assim, para Rogers, são as condições externas desfavoráveis que corrompem e adoecem o homem. Por ser o que existe de mais importante na sua teoria e prática psicoterápica, pressupõe, fundamentalmente, um respeito maior ao ser humano, por concebê-lo como um "*organismo digno de confiança*" (ROGERS, 1976, p. 16).

Rogers e Kinget (1977, p. 52):

“Quando a tendência atualizante pode se exercer sob condições favoráveis, isto é, sem entraves psicológicos graves, o indivíduo se desenvolverá no sentido da maturidade. Sua percepção de si mesmo e de seu ambiente, e o comportamento que se articula de acordo com estas percepções, se modificarão constantemente num sentido de uma diferenciação e de uma autonomia crescentes, típicas do progresso em direção à idade adulta. A personalidade representará, portanto, a atualização máxima das potencialidades do organismo.”

Tambara e Freire (1999) reforçam que essa tendência básica à auto-realização, auto-manutenção e aperfeiçoamento chamada posteriormente como tendência atualizante, é uma força interna de crescimento, de integração e de socialização que está sempre presente, mesmo quando suas atitudes e o seu comportamento tornam-se destrutivos ou anti-sociais e que mesmo nas condições adversas, ou os sobre as pressões condicionantes mais severas, o homem pode desenvolver e preservar sua capacidade de autonomia e autodeterminação.



Carl Rogers vê o ser humano como livre para fazer suas escolhas. Mesmo nas condições mais adversas, pois é nesse momento que ele desenvolve alguma capacidade de autonomia. Apesar de não subestimar o impacto negativo que as mais diversas situações podem ter sobre o indivíduo, Rogers afirma que o ser humano mantém, capacidade para não se limitar aos acontecimentos e a ser por eles conduzido, podendo ser um agente criativo na realidade que o rodeia (MIRANDA e FREIRE, 2012).

Centrar-se no cliente não é tido como uma tarefa fácil, ainda mais para iniciantes nessa abordagem, pois o terapeuta terá que mergulhar profundamente no mundo do cliente para poder vê-lo como ele próprio se vê e compreendê-lo como ele próprio se compreende. Ou seja, o terapeuta irá se centrar nela, de uma forma onde ele deixará todas as suas crenças de lado, e olhará com os olhos do próprio cliente, se colocando numa postura de observador externo. E só a partir daí podemos dizer que o terapeuta estará numa postura centrada no seu cliente (TAMBARA e FREIRE, 1999).

Wood (2008, p. 244) afirma que:

(...) a Terapia Centrada no Cliente contribuiu para a prática da psicoterapia onde a teoria era deixada na entrada do consultório, onde somente a sinceridade, o espírito de descoberta e a criatividade são convidados a entrar; somente a mudança construtiva se espera que saia.

Wood (2008) acrescenta que as condições do psicoterapeuta e a motivação interna do cliente não são decisivas para promover o caráter psicoterapêutico da abordagem, as representações de dualidade e causa-efeito que tais ideias poderiam representar. Além disso é preciso entender que os fenômenos psicoterapêuticos acontecem na relação estabelecida entre os dois, ele enfatiza que compreender esse fenômeno desresponsabiliza ambos, e que as condições facilitadoras da abordagem não são apenas causa, mas, também, resultado da relação estabelecida. Para que seja possível compreender as ramificações da psicoterapia, psicoterapeuta, cliente e fenômeno são termos que não podem ser separados.

LUDOTERAPIA



Segundo Axline (1972), a ludoterapia se refere a uma terapia que tem como objetivo uma profunda aceitação por inteiro da criança. Para isso, a psicoterapia se baseia no fato de que o jogo/brincar é o meio natural de auto-expressão da criança. Para inteira descrição da ludoterapia, é necessária a formulação do ponto de vista de cada sujeito, ou seja, uma teoria da estrutura da personalidade e qual seu baseamento.

O instrumento principal da ludoterapia se trata de brinquedos onde dá à oportunidade para criança expressar seus sentimentos acumulados de frustração, insegurança, tensão, medo agressividade entre outros, de maneira leve e natural para ele no momento. Libertando estes sentimentos através dos brinquedos, ela se conscientiza deles, começa a enfrentá-los, aprende a controlá-los, esclarece-os, ou até mesmo se esquece. No alcance de sua estabilidade emocional, a criança se percebe e junto a isso, toma consciência de sua capacidade de se realizar como um indivíduo, pensar sobre si, decidir para si, se tornando madura psicologicamente e assim sendo, tornar-se pessoa (AXLINE, 1972).

VanFleet, Sywulak & Sniscak (2010) dizem que a real aceitação está diretamente ligada aos sentimentos que são expressos pela criança do jeito que são apresentados durante a psicoterapia. A última perspectiva aproxima-se da consideração positiva incondicional traçada por Rogers (1977), p. 11): "[...] é mais provável que ocorra movimento ou mudança terapêutica quando a terapeuta está vivenciando uma atitude positiva, aceitadora, em relação ao que quer que a cliente esteja sendo naquele momento".

Segundo Axline (1972), a ludoterapia se trata de um lugar de crescimento. A criança é a pessoa mais importante, está no comando da sessão e dela mesmo. Na sessão não há estímulo nem rompimento de seu mundo particular, a criança sente-se como se abrisse suas "asas" e pode olhar diretamente para dentro de si, sendo aceita inteiramente. O setting proporciona que a mesma possa se expressar completamente sem ter que participar de um jogo sem competições entre forças,



tais como autoridade adulta, rivais contemporâneos ou situações onde ela é o alvo das frustrações e agressões de outras pessoas.

A diversidade da criança, a sua maneira de se comunicar, não são vistas como ameaçadoras. Dessa maneira, não é desejável adequar, encaixar ou avaliar a comunicação da criança, de maneira que tal seja compreensível a partir do ponto de vista. Vieira & Freire (2006) ressaltam que, para haver uma abertura à alteridade, o psicoterapeuta deve aceitar positiva e incondicionalmente a si mesmo, uma disponibilidade para o imprevisível que surja na situação terapêutica, sendo este um momento de transformação.

No início da terapia, não é de se estranhar o espanto do primeiro com contato entre a criança e a psicoterapia, é compreensível, pois durante toda sua vida alguém sempre esteve no comando, ajudando-a viver, ou também até poderia haver alguém determinado viver a sua vida por ela. De repente, essa interferência desaparece e ao invés de viver á sombra de alguém, ela é o sol e as sombras são somente aquelas que ela pode lançar (AXLINE, 1972).

No que diz respeito à construção do rapport na situação psicoterapêutica, Axline (1972) alegava que o relacionamento que deve ser estabelecido com a criança na terapia deve ser cálido e amigável, mas sem cometer excessos. O psicoterapeuta deve prestar atenção ao seu tom de voz e as intervenções que usará sempre cuidando para evitar direcionamentos relacionados ao comportamento e à expressão de sentimentos da criança.

O ambiente para ludoterapia é de vastas possibilidades, sendo ela já realizada em salas completamente equipadas, em berçários, recepções, entre outros. A real importância do processo psicoterapêutico, se refere a satisfação e sensação de se sentir confortável da criança. Os materiais utilizados de grande sucesso são: fantoches, cestos, roupas de boneca, pregadores de roupas, uma mesa esmaltada para brincar com argila, areia, água, trabalhar com pintura de dedo, lápis de cor, uma boneca grande, uma bonequinha, cestos de frutas ocas para serem quebradas, figuras de pessoas, animais, casas e outros objetos, entre outros



materiais. É válido destacar que, brinquedos mecânicos não são sugeridos porque não permitem a criatividade lúdica (AXLINE, 1972).

O livro de ludoterapia de Virginia Mae Axline apresenta que, o papel do terapeuta, embora não diretivo, não é de maneira alguma passivo, mas sim, sempre de alerta, sensível e de constante apreciação a tudo que a criança fala e faz. O mesmo deve se manter sempre aceitador e permissivo, sendo necessário uma compreensão e um genuíno interesse pela criança. Acima de tudo, o terapeuta deve acreditar e salientar a importância do indivíduo como capaz e digno de confiança para assumir a responsabilidade sobre si, conseqüentemente, respeitando a criança, tratando-a com honestidade e sinceridade. De forma alguma manda na criança, não ri dela e sim com ela (AXLINE, 1972).

A EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO

O estágio supervisionado em psicologia clínica é realizado desde o segundo semestre de 2018, durante esse processo pudemos adquirir novas experiências e uma nova visão sobre o trabalho desempenhado pelo psicólogo na clínica, através das orientações, discussões e reflexões, vamos no aproximando e chegando cada vez mais perto de conhecer mais profundamente a atuação de um psicólogo clínico embasado na teoria da Abordagem Centrada na Pessoa de Carl Rogers.

O trabalho realizado na Clínica Escola da FAG tem o objetivo assistencial onde os estagiários de diversos cursos desempenham seus atendimentos nas mais diversas áreas, os estagiários de Psicologia são divididos em grupos e abordagens teóricas, no dia em que atuamos na clínica nos reunimos em grupo sob a orientação do Professor Orientador, é ele que tem a função de nos guiar e apontar onde podemos aperfeiçoar nossos atendimentos, através dele percebemos nossa atuação por um viés profissional e técnico.

Na Abordagem Centrada na Pessoa, durante os atendimentos que realizamos, um dos requisitos que devemos nos apropriar é o de que as sessões efetuadas podem ser gravadas com a autorização do cliente, se assim ele permitir,



assinamos um termo de vinculação de imagem e depois do atendimento realizamos a transcrição de toda a sessão, é dessa maneira que o Professor orientador vai fazer os apontamentos necessários, sempre realizadas em grupo.

Não é fácil centrar-se no cliente, um dos maiores desafios na clínica é conseguir unir teoria e prática de uma maneira equilibrada, as orientações são de grande ajuda, pois elas nos deixam conscientes do que realmente estamos fazendo, das nossas limitações e dos pontos que precisamos melhorar, contribuindo de uma maneira integral para o desenvolvimento do futuro profissional da Psicologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui se que, com base na abordagem clínico-humanista podem construir-se modelos operacionais .Os modelos servem de apoio a estruturas de formação que, visam o desenvolvimento de um saber interiorizado e social, dinâmico e contextualizado. Trata-se de uma construção que resulta da experiência, da observação e da análise racional das práticas, processos apoiados por diálogos interpretativos de seu orientador, numa perspectiva de auto-desenvolvimento. Ambiente de formação que, sustentado pela rede de intersecção entre a instituição de formação e os serviços de saúde, onde por uma relação supervisiva se cria o sistema de desafio, o apoio constante e a cuidadosa avaliação formativa e sumativa. A capacidade do profissional resulta de um conjunto de interação interpessoal com os saberes na sua relação de interação interdisciplinar.

REFERÊNCIAS

AXLINE, Virginia Mae. Ludoterapia: o método de ajudar crianças a se ajudarem. In: Ludoterapia: A dinâmica interior da infância. 1º Ed. Belo Horizonte (MG): Interlivros, 1972.



CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução CFP nº 013/2007. Institui a Consolidação das Resoluções relativas ao Título Profissional de Especialista em Psicologia e dispõe sobre normas e procedimentos para seu registro. Brasília, 2007

MIRANDA, C. S.N.; FREIRE, J.C. A comunicação terapêutica na abordagem centrada na pessoa. Arq. bras. psicol. vol.64 no.1 Rio de Janeiro, 2012. Disponível em:http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672012000100007. Acesso em 25 de abril de 2019.

ROGERS, C. R. Um Jeito de Ser. Cap. 3: Os fundamentos de uma abordagem centrada no cliente, p. 37-51. Editora Epu, São Paulo, 1987.

ROGERS, C. R. Sobre o Poder Pessoal. São Paulo: Martins Fontes, 1976.

ROGERS, C. R; KINGET, G. M. Psicoterapia e relações humanas. Editora interlivros, 2º ed. Belo Horizonte, 1977.

TAMBARA, N; FREIRE, E. Terapia Centrada no Cliente, teoria e prática: Um Caminho Sem Volta. Editora: Delphos, 1ºed. Porto Alegre, 1999.

VANFLEET, R., SYWORK, A. E. & SNICK, C. C. *Child Centered Play Therapy*. New York: The Guilford Press, 2010.

VIEIRA, E. M. & FREIRE, J. C. Alteridade e Psicologia Humanista: uma leitura ética da Abordagem Centrada na Pessoa. *Estudos de Psicologia* (Campinas), 2006.

WOOD, J. K. (2008a). Abordagem Centrada na Pessoa (4ª ed). Vitória: EDUFES.